FACULDADE DE LETRAS UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

199

INSCRIÇÕES 730-733



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2020

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação

Toda a colaboração deve ser dirigida a: fe.revista@uc.pt

Ficheiro Epigráfico | Instituto de Arqueologia | Palácio de Sub-Ripas Rua de Sub-Ripas 3000-395 COIMBRA | PORTUGAL

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



730

ARA VOTIVA ROMANA EM CARIA (MOIMENTA DA BEIRA)

Desconhece-se a proveniência e o eventual contexto arqueológico da ara de granito de grão médio, incompleta e com o campo epigráfico muito desgastado, que está em posse particular (Fig. 1), na povoação de Caria (freguesia de Caria, concelho de Moimenta da Beira), no local que antes se designava Lameira da Igreja.

Sofreu a pedra muitos maus tratos, quer devido a ter sido reutilizada quer pela diuturna exposição ao desgaste dos agentes atmosféricos que determinaram a acumulação de líquenes em todas as faces, à excepção da superior (Fig. 2). Nesta terá havido originalmente fóculo ladeado de toros; a cavidade de 11 a 12 cm de profundidade que aí lhe foi feita e todo o desbaste sofrido visaram a reutilização, provavelmente como pedestal, por exemplo, de cruzeiro, como o parece dar a entender a sua forma rectangular.

Dimensões: 46 x 29/32 x 30/34.

Só logramos identificar as duas linhas finais da inscrição (Fig. 3). Afigura-se-nos difícil pensar que não haveria outras anteriores; contudo, a dúvida subsistirá não só por causa do enorme desgaste aí sofrido pelo granito mas também por não se conseguir discernir com o mínimo de rigor onde acaba o capitel e começa o fuste; na verdade, parece-nos poder ver, no que seria o final duma terceira linha, superior, um S.

Está bem visível o D (largo e de pança de semicircunferência quase), a que poderá ter-se seguido E; alicia-nos imaginar que, antes do ponto redondo, haja o nexo AE. Temos espaço depois para uma ou duas letras.

Na última linha, parece viável ler VS – V esguio e S levemente inclinado para a frente. A fórmula LAVS (L de barra curta, A largo e com travessão, V bem aberto e de vértice não angular, S estreito e muito inclinado para diante) não oferece dúvida.

A proposta de leitura seria, pois, a seguinte:

[...] S [?] / DEAE · [...]/VS L(*ibens*) A(*nimo*) V(*otum*) S(*olvit*) [...] À Deusa. F... cumpriu o voto de livre vontade.

Altura das letras: 7/8.

Proposta com todas as características de hipotética no concernente à penúltima linha e à possibilidade de o texto ter, pelo menos, mais uma linha a anteceder as duas que melhor se divisam.

Se se aceitar DEAE, há-de pensar-se que o ex-voto se destinava a ser colocado no santuário a uma divindade considerada no seu aspecto feminino, a divindade venerada naquele sítio e que, por isso, não carecia de mais identificação¹.

VS, na última linha, será a terminação do nominativo do nome do dedicante, que começa, na linha anterior, com uma ou, mais verosimilmente, duas letras.

Sendo a primeira ara identificada neste concelho de Moimenta da Beira, não se trata, porém, de achado romano isolado na freguesia de Caria: Jorge de Alarcão assinala, com base na bibliografia até então conhecida, um miliário, «um tesouro de denários de composição e cronologia desconhecidas» e cerâmica².

Trata-se, de facto, de uma área com tantos vestígios que João Inês Vaz chegou a sugerir a existência da sede da *civitas* dos

¹ Cf. Encarnação (José d'), «Omissão dos teónimos em inscrições votivas», *Veleia* 2-3 1985-1986, p. 305-310 [http://hdl.handle.net/10316/26770].

² Roman Portugal. Warminster: Aris and Phillips Ltd., 1988, II vol., s. v. «Caria» (4/50, p. 54). Ver também: Alarcão (Jorge de), «Notas de arqueologia, epigrafia e toponímia – I», Revista Portuguesa de Arqueologia, vol. 7/1, 2004, p. 332.

Arabrigenses entre Caria, Rua, Vide e Faia, apontando, inclusive, a possibilidade de o topónimo Vide constituir uma evolução fonética de *civitas* > *cividade* > *vide*³.

Oxalá o recurso a outros processos de leitura mais consentâneos com o estado actual da epígrafe possam vir a confirmar (ou a infirmar) a interpretação que ora propomos, permitindo melhor identificação quer da divindade venerada quer a do seu fiel devoto.

Atendendo ao aspecto grosseiro do monumento, não dispomos de elementos susceptíveis de apoiar a proposta de uma datação, ainda que aproximada; afigura-se-nos, contudo, que a segunda metade do século I não será despropositada, tendo em conta o uso da fórmula final, que repercute já uma aculturação conseguida.

José d'Encarnação José Carlos Santos



730

³ Vaz (João L. Inês), «Os povos da Beira Douro citados na inscrição romana da ponte de Alcântara», in *Tarouca e Cister – Espaço, Espírito e Poder. Actas.* Tarouca, 2004, p. 193. Opinião que repetirá na comunicação «Elementos para o estudo dos *fora* das cidades do Norte da Lusitânia», in Nogales Basarrate (Trinidad), *Cidade e Foro na Lusitânia Romana*, Mérida, 2010, p. 316.





Ficheiro Epigráfico, 199 [2020]

731-733

COLUNAS ANEPÍGRAFAS EM MOIMENTA DA BEIRA E SERNANCELHE

As prospecções levadas a efeito no território do actual concelho de Moimenta da Beira e também por terras de Sernancelhe levaram-nos à identificação de colunas que, apesar de anepígrafas, são susceptíveis — quer pelo singular contexto em que foram encontradas quer pela sua forma — de remontar à época romana. Não se nos prefigura, para já, a hipótese de terem possuído uma inscrição pintada, hipótese que reputamos remota, mas a possibilidade de haverem sido marcos de delimitação de vias é passível de colher alguma probabilidade.

Em todo o caso, na dúvida, optámos por as dar a conhecer. Se vier a considerar-se hipótese verosímil a que se apresenta, melhor; se, ao invés, se opinar que se trata de possibilidade despicienda, fica-nos a consolação de um dever cumprido.

731

COLUNA EM PAÇÔ

Incorporada num muro de propriedade (Fig. 1), encontrase a cerca de 5 metros da estrada que liga as povoações de Pacô e de Vila Chã da Beira, esta já no concelho de Tarouca,

uma coluna que, pela sua forma e dimensões, poderá ser mais um dos marcos de época romana sem inscrição (Fig. 2), destinados apenas a indicar o percurso de uma via. Apresentamo-lo, naturalmente, como hipótese.

A localização administrativa é a seguinte (Fig. 3): Rua Cruz das Almas, Paçô, freguesia de Paçô, concelho de Moimenta da Beira. Coordenadas geográficas — Latitude: 41° 01' 34.40" N; longitude: 7° 42' 15.05" O; altitude: 678 metros

Está junto à Ribeira de Santiais, curso de água subsidiário da Ribeira de Salzedas, afluente do Rio Varosa, afluente, por sua vez, do Rio Douro. Ficam-lhe próximos a Ponte das Tábuas e a linha divisória dos concelhos de Moimenta da Beira e de Tarouca. Poder-se-á ainda anotar que o sítio dista cerca de 2600 metros, em linha recta, do Castro de Sanfins, também conhecido como Castro de Mondim ou Castro de Paredes Secas.

Não se sabe quanto estará enterrado. A altura acima do solo é de 65 cm. Tem cerca de 35 cm de diâmetro, sendo homogéneo o que está à vista.

No topo houve claramente a intenção de gravar uma cruz (Fig. 4), a qual aparece bem vincada e, na zona superior, foi gravada a data de 1848, sobre um traço, feito com a intenção de a sublinhar e destacar (Fig. 5). Sobre o 1 (que mede 13 cm) existe um ponto; o 8 mede 10,5 cm; o 4, 8,5 cm e o segundo 8, 9 cm.

Como argumento para se atribuir a coluna a marco a delimitar uma via temos somente a existência próxima do topónimo Carril. É clara, porém, a sua reutilização como indicativa de limite de propriedade ou, atendendo ao facto, raro nestes casos, de apresentar uma data, poderá ser menção de delimitação administrativa, sabendo nós como foi 'agitada' a administração portuguesa nesses meados do século XIX.











731

COLUNA EM CERCA

Identificou-se num descampado (Fig. 1) uma coluna anepígrafa (Fig. 2), de granito de grão médio, que, pela forma, pelas dimensões (mede 118 cm de altura e tem 93 cm de perímetro no topo superior e 119 cm de perímetro na parte inferior) e pelo facto de se encontrar isolada, sem relação aparente com uma estrutura arquitectónica, se nos afigura poder ter sido, em época romana, um marco anepígrafo. Está praticamente solta, talvez enterrada cerca de 10 cm; o topo não é liso

Encontra-se no interior de uma propriedade agrícola (olival). Segundo informação do seu proprietário, a coluna está deslocada do local original (a cerca de 100 metros), encontrando-se, antes, à beira do caminho que seguia para a povoação de Nagosa (também do actual concelho de Moimenta da Beira). Este caminho atravessa uma encosta de declive algo acentuado; possui parcialmente lajeado, tendo sido complementado recentemente por argamassa de cimento, cuja largura varia entre 2,50-3 m e 3,50-4 m.

A localização administrativa é a seguinte: Cerca, freguesia do Castelo, concelho de Moimenta da Beira.

Há valados perto, não sendo de todo despicienda a possibilidade de virem a ser observados em pormenor, atendendo ao facto de se terem achado perto fragmentos de cerâmicas de construção (Fig. 3) e o referido caminho para Nagosa (Fig. 4) denunciar características de alguma antiguidade.

O *terminus augustalis* datável do reinado do imperador Cláudio, foi identificado não muito longe, em Lameiras (Goujoim, Armamar)¹.

Além disso, a poucos metros desta coluna, ainda em propriedade privada, agrícola, inserida numa construção que terá servido de abrigo, identificámos uma outra de forma irregular, com uma fissura, também sem vestígios de inscrição, mas coberta de alguma microflora (Fig. 5). De granito de grão médio/grosseiro, topo irregular. Mede 35 cm de diâmetro, a altura acima do solo é de 94 cm, não sendo possível, de momento, saber quanto estará enterrado; é de

¹ Vaz (João Inês), «Término augustal de Goujoim (Armamar)», *Conimbriga* 18, 1979, p. 133-138.

110 cm o perímetro na parte superior.

Chamou-nos a atenção, a cerca de 1,60 m da coluna, a cavidade feita na rocha (Fig. 6), que pode apontar para buraco de gonzo: tem 17 cm de diâmetro e 5 cm de profundidade.





- -





732





732

COLUNA EM CHARANGÕES

Incrustada num muro (Fig. 1) sito no lugar conhecido por Charangões ou Chingalhões, entre as povoações de Lapa (freguesia de Quintela, concelho de Sernancelhe) e de Mouções (União das Freguesias de Sequeiros e de Gradiz, concelho de Aguiar da Beira), estando muito próximo do limite geográfico-administrativo destes dois concelhos, foi identificada uma coluna que, pela sua forma, nos sugeriu poder tratar-se de um miliário romano. Houve, pois, a possibilidade de se proceder à sua remoção, tendo-se verificado que, de facto, há vestígios passíveis de serem interpretados como restos indeterminados do traçado de letras (Fig. 2).

Irregular, fragmentada na parte superior e em baixo, é de granito de grão médio e mede 152 cm de altura, o perímetro varia entre 90 e 101 cm, sendo de 25 a 28 cm o diâmetro no local onde o perímetro é menor.

Encontra-se actualmente no espaço contíguo ao edifício da Junta de Freguesia de Quintela, concelho de Sernancelhe.

José Carlos Santos José d'Encarnação





733